

"A Mais Gaúcha de Todas as Copas": identidades brasileiras e imprensa esportiva na Copa do Mundo.¹

Édison Gastaldo e Rodrigo Leistner

Introdução

Pouco depois da vitória da seleção brasileira sobre a Alemanha, na final da Copa de 2002, várias das passarelas de pedestres que transpõem a BR-116 em Canoas, município da região metropolitana de Porto Alegre, foram pintadas de amarelo com frases em letras verde-escuro: “O Rio Grande Já Sabia”; “O Brasil Tem Seleção”; “O Mundo Tem Pentacampeão”; “Canoas Tem Felipão” e “A Família Scolari Somos Todos Nós”. Cada uma destas frases permite ser pensada em termos de categorização de pertencimento, acionando um determinado componente identitário em contraposição a outro, seja ele “gaúcho” em oposição ao “brasileiro”, “brasileiro” em oposição ao “resto do mundo”, “Canoas” (onde Luiz Felipe mora com a família) em oposição às outras cidades brasileiras (em especial Porto Alegre), e, o mais intrigante: a inclusão indeterminada promovida pela primeira pessoa do plural, na frase “A Família Scolari Somos Todos Nós”. “Nós” quem? Canoenses? Gaúchos? Brasileiros? Seres Humanos? Uma vez que o termo “família Scolari”, empregado pelo comentarista Tostão (Folha de S. Paulo, 7/5/02, pág. D1), para descrever a seleção brasileira que, sob o comando de Luiz Felipe, iria disputar a Copa do Mundo de 2002, a extensão da categoria “membro da Família Scolari” a “todos nós” promove uma inclusão indiscriminada, incluindo todos aqueles que se considerarem “um dos nossos”.

Tal exemplo aponta com clareza para a complexidade das questões identitárias associadas à participação deste time especial de futebol, a “seleção brasileira”, neste torneio de futebol especial, a “Copa do Mundo”, participação cujos “fatos” colaboram para definir consensualmente o Brasil como “O País do Futebol” (ver, neste sentido, Gastaldo, 2000 e Helal, 2001).

¹ Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada na V Reunião de Antropologia do Mercosul,

Este trabalho se propõe a refletir sobre a complexa relação entre futebol e identidade brasileira a partir de sua manifestação/atualização midiática, tomando o caso da Copa de 2002 como um exemplo, uma ilustração de uma problemática histórica, a da construção social de uma “identidade” ou “caráter nacional” no Brasil. O caso escolhido para análise acrescenta um outro elemento igualmente complexo a esta problemática: a relação periferia x centro entre o Rio Grande do Sul e o “centro do País”, nomeadamente Rio de Janeiro e São Paulo. Tal conflito, que historicamente se manifestou em vários conflitos armados, como, entre outros, a Guerra dos Farrapos (1835-45), a Revolução de 1930 ou a Crise da Legalidade (1961), perpassa o imaginário social brasileiro, refletindo-se na cultura brasileira em geral e de modo particularmente acentuado na cultura gaúcha, estabelecendo uma oposição identitária entre “gaúchos” e “brasileiros”, como se a primeira categoria não fosse subsumida à segunda, mas hierarquicamente colocada em igualdade. O campo esportivo, entendido como campo simbólico de manifestação de elementos da cultura, reflete e atualiza este conflito, como no histórico jogo entre “seleção brasileira x seleção gaúcha”, ocorrido em 1972 e analisado por Guazzelli (2002).

Como fato cultural da maior importância na cultura brasileira contemporânea, o futebol tem sido apontado como um dos principais elementos geradores de identidade nacional no Brasil, o que pode ser inferido pelo epíteto hoje tradicional, “O País do Futebol”. Assim, o futebol jogado no Brasil é reinterpretado segundo os códigos da cultura brasileira, dotando-o de significados que ultrapassam as estritas linhas do campo de jogo. Como ressalta Simoni Guedes (1998), há uma relação de ordem metonímica entre a “seleção brasileira” e o “povo brasileiro”, reforçada pelo discurso da imprensa esportiva.

O terceiro termo da problemática a ser abordada diz respeito justamente à mediatização dos eventos esportivos, processo social de articulação de significados que, em nossa sociedade, produz definições da realidade acerca dos fatos esportivos, colaborando de modo ativo no estabelecimento e manutenção de significações culturais acerca destes fatos.² Este processo de articulação de significados torna o discurso midiático um importante elemento de produção e reprodução de cultura em nossa

Florianópolis, 2003.

² Para uma excelente discussão acerca das implicações da relação entre mídia e futebol, ver Rial (2003).

sociedade. No caso específico da pesquisa de que este trabalho é um resultado parcial, foram analisados discursos jornalísticos da imprensa brasileira que tematizaram a relação entre nacionalidade e futebol no Brasil.

A “imprensa de chuteiras”

O discurso da imprensa esportiva, no contexto mais geral da produção discursiva jornalística, possui particularidades que acredito ser importante especificar. Em primeiro lugar, o discurso da imprensa esportiva refere-se a um conjunto de fatos considerados ‘menores’: os fatos do jogo, que segundo Huizinga (1971) se opõem à ‘seriedade’ da vida cotidiana, ao mundo sério do trabalho, da economia e da política. Os fatos esportivos pertencem à esfera do entretenimento, da distração, a uma hierarquização ‘secundária’ em relação às editoriais mais ‘nobres’ do jornalismo, e isto se reflete na produção discursiva do jornalismo esportivo. A subjetividade do enunciador-jornalista esportivo é menos regulada institucionalmente do que em outras editoriais – um cronista esportivo ‘torcer’ por um time em seu texto é muito menos grave do que um editor de política por um candidato ou partido, por exemplo (Gastaldo, 2000). Inclusive, eventuais rasgos de passionalidade na definição da realidade proposta por um jornalista esportivo são mesmo parte formadora deste gênero literário/jornalístico, como nas célebres crônicas esportivas de Nelson Rodrigues (ver neste sentido José Carlos Marques, 2000) ou, em um exemplo gaúcho, as colunas de Kenny Braga e Paulo Sant’Anna em *Zero Hora*.

Não obstante o rebaixamento da importância da editoria de esportes no contexto jornalístico, a apropriação midiática dos fatos esportivos constitui-se em um fenômeno de audiência constante na mídia brasileira, o que revela, se não sua ‘importância’ como tema jornalístico, pelo menos sua relevância como fato social. Por exemplo, o recorde de participação na audiência da Rede Globo foi recentemente superado em um horário improvável: 6 da manhã, devido à transmissão exclusiva do jogo de futebol Brasil x China, na última Copa do Mundo. Na Copa de 1998, não foi diferente, exceto pelo fato de cinco emissoras abertas terem transmitido o evento: na média, as emissoras somadas transmitiram as partidas da seleção brasileira para 94% dos televisores ligados no país a cada jogo (fonte: Ibope). A menor exigência de

‘objetividade’ de um jornalista esportivo faz com que os discursos da imprensa esportiva sejam mais passíveis de manifestação de elementos simbólicos da cultura na qual se inserem – machismo, racismo e outros preconceitos, inclusive – permitindo pensá-los como um interessante ‘ponto de observação’ acerca da definição de imaginários simbólicos em nossa sociedade pela mídia. Neste sentido, pode ser estendida a reflexão de Luiz Gonzaga Motta (1997: 318) acerca do *fait divers*, quando ele sugere que a construção da notícia “vai muito além dos fatos, envolve a arbitrariedade da criação pessoal do repórter, transcende mesmo a atividade jornalística para chegar até os mitos da sociedade”. Esta opinião é compartilhada por Traquina (2001: 86-7), que, ao referir-se ao paradigma que ele denomina ‘etnoconstrucionista’ (fusão entre etnometodológico e construcionista), entende as notícias como “narrativas, ‘estórias’, marcadas pela cultura dos membros da tribo e pela cultura da sociedade onde estão inseridos, sendo necessário mobilizar todo um *saber de narração*” (2001: 86). Desta forma, acredito que a investigação da apropriação midiática dos fatos esportivos referentes à Copa do Mundo de 2002 nas páginas da imprensa esportiva de diferentes regiões do Brasil constitui um interessante fenômeno discursivo a ser investigado, possibilitando uma compreensão mais aprofundada do papel da mediatização na relação do futebol com a cultura brasileira, bem como das definições da identidade nacional brasileira sustentadas nestes discursos.

Notas sobre Método

O material analisado na presente pesquisa foi obtido a partir da clipagem e coleta de dados dos jornais *Folha de São Paulo*, de São Paulo; *Jornal do Brasil* e *O Globo*, do Rio de Janeiro, *Zero Hora* e *Correio do Povo*, de Porto Alegre, durante o período de 24 de maio a 7 de julho de 2002 – de uma semana antes até uma semana depois da Copa do Mundo. Esta opção se deveu à característica marcante do discurso jornalístico de não se ater somente à narração dos “fatos”, mas também a sua interpretação, desdobramentos e previsões – em particular no que concerne à imprensa esportiva. A coleta total dos dados foi realizada a partir da cooperação com o colega de grupo de pesquisa, professor Ronaldo Helal, da UERJ, que coletou os jornais do Rio de Janeiro; de nossa parte, coletamos os três periódicos restantes, para intercâmbio de dados.

Para este artigo, foram analisados os jornais *Zero Hora* e *Correio do Povo* do referido período, visando a discutir a relação entre centro x periferia simbolizada na participação dos “gaúchos” na seleção brasileira a partir dos discursos da imprensa esportiva.

Esta dimensão cronológica do *corpus* nos permite a observação das questões associadas à pesquisa em diferentes momentos, ampliando uma simples observação dos fatos ocorridos – as partidas e resultados propriamente ditos – para uma análise acerca das idéias e concepções motivadas pelo evento ao longo de sua realização. Os textos selecionados tiveram sua temática parcialmente compilada, evidenciando-se primordialmente os vínculos com as questões propostas pela pesquisa, com a finalidade de promover maior agilidade e precisão na recuperação de informações e análise do material. Foram catalogados obedecendo a um critério de organização cronológica e nominal, sendo o banco de dados constituído a partir da data da edição, nome do caderno, título do artigo/matéria, e observações referentes ao texto, indicando quais vinculações com as questões de pesquisa. Desta forma, este banco funciona como um mapa, através do qual se torna possível a captação de textos de um determinado período dentro da Copa, artigos de um determinado autor, ou ainda a verificação de assuntos específicos.

Tendo como objeto de análise os discursos da imprensa esportiva acerca da Copa do Mundo de 2002, a coleta de dados objetivou a seleção de textos que articulassem, explícita ou subjetivamente, a relação da apropriação de elementos simbólicos da cultura brasileira, as identidades brasileiras, ou gaúchas, presentes nestes discursos, assim também como as questões organizadoras do conflito periferia *versus* centro do país. A identificação destas relações nos discursos dos jornais analisados serviu como matéria-prima para a formatação do banco de dados, referência para o projeto.

O mapeamento das seções internas dos jornais a serem estudadas orientou para uma observação mais atenta dos cadernos esportivos, em particular o “Correio da Copa”, do jornal *Correio do Povo*, e o “Jornal da Copa” de *Zero Hora*. Foram ainda observados os textos editoriais de cada periódico, que não raramente tematizaram questões relativas à Copa do Mundo.

Ainda que o volume considerável e capital dos discursos acerca da seleção brasileira e da Copa do Mundo posicionem-se majoritariamente nos cadernos esportivos, a coleta não preteriu outras seções, tendo a busca sido efetuada em todas as diferentes seções dos jornais. Durante este período, os temas “Copa do Mundo”, e “seleção brasileira” são tematizados nas mais diversas editorias, além dos quadrinhos, charges e publicidade. Por vezes, matérias divulgadas em editorias “sérias”, como economia ou política, por exemplo, veiculam representações de valores nacionais relacionados ao esporte de modo muito mais assertivo – naturalizando essencializações acerca do ‘ser brasileiro’ – do que a maior parte das matérias que tematizam somente o desempenho atlético do time de futebol “seleção brasileira” no torneio “Copa do Mundo”.

Outras Raízes do Brasil: a relação centro x periferia no RS.

A relação estabelecida entre o Rio Grande do Sul e o Poder Central brasileiro foi, ao longo da História, uma relação tensa, cujas origens remontam ao Tratado de Tordesilhas (1494). Pelos termos do tratado, o limite sul da porção portuguesa do Novo Mundo terminaria na altura de Laguna, no litoral sul de Santa Catarina, ficando todas as terras a oeste – e ao sul – sob domínio espanhol. Assim, o território onde hoje fica o Rio Grande do Sul acabou tendo uma ocupação territorial tardia com relação a outras regiões do Brasil, situando-se nos tempos coloniais como em um território de “fronteira móvel” entre as possessões portuguesas e espanholas, variando entre o norte do RS e Buenos Aires, com intensa beligerância de parte a parte. No começo do século XVIII, a coroa portuguesa iniciou uma política de ocupação do território entre São Vicente (hoje Estado de São Paulo) e a Colônia do Sacramento (hoje Uruguai). Tal política consistia em doação de terras a tropeiros e militares, que, ao invés de passar pelo território em busca de gado xucro ou de inimigos, nele se estabeleceram, criando estâncias de gado, onde a rudeza do clima e as atividades ligadas à pecuária – a cavalo – teriam dado origem a este “tipo regional brasileiro”, o “gaúcho”. A apropriação discursiva de diversos elementos desta matriz histórica ainda hoje se encontra presente como emblema de uma “identidade gaúcha”, como pode ser inferido no seguinte trecho de Erico Verissimo:

Pense nas duras atividades da vida campeira – laçar, domar e marcar potros, conduzir tropas, sair da faina diária quebrando a geada nas madrugadas de inverno – e você compreenderá por que a virilidade passou a ser a qualidade mais exigida e apreciada do gaúcho. Esse tipo de vida é responsável pelas tendências algo impetuosas que ficaram no inconsciente coletivo deste povo, e explica a nossa rudeza, a nossa às vezes desconcertante franqueza, o nosso hábito de falar alto, como quem grita ordens, dando não raro aos outros a impressão de que vivemos numa permanente carga de cavalaria. (1969: 3-4)

A alusão a um “inconsciente coletivo” – ecoando a posição culturalista de Ruth Benedict – que comporia um “caráter gaúcho” a partir de suas matrizes históricas campeiras e guerreiras, não é somente de Erico Verissimo, ela se articula com um discurso identitário de senso comum no Rio Grande do Sul, gerando representações sociais acerca do “ser gaúcho” que, como afirma Oliven (1992: 49), “acabam adquirindo uma força quase mítica que as projeta até nossos dias e as fazem informar a ação e criar práticas no presente”. Tais “práticas sociais do presente”, informadas por este discurso identitário, manifestam-se nos mais diversos setores da sociedade gaúcha.

O futebol, um dos grandes operadores simbólicos de identidade brasileira contemporânea, apresenta um interessante paralelo, uma espécie de “versão futebolística” da controvertida relação simbólica entre Brasil x Rio Grande do Sul, cujos traços principais de identificação são apontados por Arlei Damo (2002: 132):

O gaúcho altivo, valente e destemido, o centauro dos pampas cujo mito se tornou ideologia com a atuação do MTG é também o estereótipo que orienta, ao longe, as manifestações dos torcedores e, principalmente, os discursos midiáticos.

Houve um momento histórico em que esta diferença entre província e nação se tornou explícita em um jogo de futebol: em 17 de junho de 1972, no Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre, 110.000 pessoas (o recorde histórico do estádio) vaiaram a seleção brasileira do começo ao fim do jogo, apoiando a “seleção gaúcha”, formada por um combinado de Grêmio e Internacional, que incluía o uruguaio Anchetá, o argentino

Oberti e o chileno Figueroa entre seus titulares. O insólito e simbólico jogo se deveu a uma espécie de “desagravo” da então CBD com relação à não-convocação do jogador gremista Everaldo, único gaúcho escalado para a seleção tricampeã do mundo em 1970. A ausência de jogadores gaúchos que disputariam a “Minicopa” do Sesquicentenário da Independência suscitou revolta entre os torcedores gaúchos, revolta que se manifestou na imprensa esportiva da época, analisada por Guazzelli (2002: 67):

O deslocamento dos eventuais antagonismos e descontentamentos para o futebol faz sentido nesta conjuntura em que a noção de nacionalidade era transferida para uma Seleção campeã, símbolo de todos os sucessos do “milagre brasileiro”, síntese das palavras de ordem ufanistas que identificavam o futuro aqui e agora. O Rio Grande, ao qual se negara o pertencimento a esta pátria vencedora, ia uma vez mais para a guerra contra a Corte, ali no terreno em que melhor se consolidava a imagem da nação. Contra a “pátria de chuteiras” de Nelson Rodrigues, erguia-se a “província de chuteiras”!

Tal episódio pode ser considerado exemplar de um modo de apropriação social dos fatos do futebol no Brasil, e de modo particular a relação simbólica que se estabelece entre “futebol gaúcho” e Rio Grande do Sul, homóloga à existente entre “seleção brasileira” e Brasil. Cabe ressaltar que o ressentimento associado a esta complicada relação entre centro e periferia não parece ser somente de parte da imprensa gaúcha; haveria uma contrapartida no discurso jornalístico do “centro do país”, sob a forma de críticas com relação ao “futebol gaúcho”, entendido como desleal, violento e “europeizado”, em tudo distinto do “futebol-arte”, categoria que define o “modo brasileiro” de jogar futebol. Neste sentido, Damo (2002), analisando o discurso da imprensa esportiva brasileira com relação ao futebol gaúcho, explora esta articulação midiática entre o futebol gaúcho e o jogo violento, de marcação forte e disciplina tática, antítese do “futebol-arte”, como no trecho a seguir, do cronista Alberto Helena Jr:

O diabo é que o estilo do Grêmio me lembra sua antítese, em matéria de brilho – o drible de Garrincha. Todo mundo sabia de cor e salteado quais os movimentos que faria, sempre para a direita. E ninguém conseguia

impedi-lo de repetir a jogada hipnótica e fatal (Helena Jr., FSP, 15/5/96, citado por Damo, 2002: 142)

A expressão “antítese de Garrincha”, o jogador-síntese do “futebol-arte”, dá conta de estabelecer uma distância entre o “ser brasileiro” (e ser adepto do futebol-arte e do campo semântico a ele associado) e o “ser gaúcho” (com toda sua carga de oposição ao “ser brasileiro”).

“Um título gaúcho!”, disse o cronista.

Na Copa de 2002, o técnico da seleção brasileira era justamente Luiz Felipe Scolari, o técnico da equipe do Grêmio em 1994-6, treinador emblemático do “futebol gaúcho” analisado por Damo, fazendo deste caso um fenômeno particularmente interessante para estudar, dada a sobreposição de categorias relacionadas ao referente “seleção brasileira” (nacional / regional; futebol-arte / futebol-força; brasileiro / europeu / platino, entre outras). Em 31 de maio de 2002, dia da abertura da Copa do Mundo, por exemplo, o jornal gaúcho Zero Hora apresentou como manchete: “Começa a mais gaúcha de todas as Copas”, motivada pelo elevado número de jogadores gaúchos na equipe – além do próprio técnico.

O mesmo tema – o da seleção brasileira-gaúcha – foi abordado humoristicamente por Kledir Ramil, no artigo “O DNA da família Scolari”, publicado na revista IstoÉ de 10 de julho de 2002, no qual ele “prova” ironicamente que todos os jogadores da seleção são, no fundo, gaúchos:

...Kléberson e Rogério Ceni são paranaenses, e Paraná, em tupi-guarani, quer dizer “Rio Grande”. Tá explicado. Caetano Veloso decretou há pouco que “a verdadeira Bahia é o Rio Grande do Sul”, portanto, os baianos Vampeta, Dida, Júnior e Edílson são trigaúchos. (...)

Na divulgação da lista dos convocados – pá-de-cal nas pretensões de Romário – o jornal Folha de São Paulo (7/5/02, p. D4) ressalta a “descentralização” promovida por Luiz Felipe, na matéria intitulada “Seleção de Scolari foge do eixo Rio-SP”. Nesta matéria, destaca-se a menor participação de jogadores paulistas e cariocas na seleção em

todas as Copas do Mundo. Curiosamente, a matéria refere o número de baianos, brasilienses e paranaenses – sem mencionar os jogadores e dirigentes gaúchos.

Nos primeiros jogos da Copa, a crônica esportiva gaúcha fez coro com a tendência nacional de criticar severamente o time de Felipão, como no trecho abaixo, em que o cronista do Correio do Povo, jornal de Porto Alegre, comenta uma entrevista com Luiz Felipe no final da primeira fase:

Felipão está cada dia mais irritado com os questionamentos sobre a zaga. Voltamos a tocar no assunto e a resposta foi esta: “A imprensa está passando dos limites”. (...) Felipão disse isso e emendou: “Os zagueiros tão elogiados, os melhores do mundo, estes já foram embora. Os do Brasil continuam aqui”. A eliminação da Argentina e da França tem servido como pretexto para justificar nossas falhas. (Hiltor Mombach, Correio do Povo, 17/6/02)

Após a convincente vitória no jogo com a Inglaterra, a tendência de críticas dos cronistas gaúchos começou a mudar. Começaram a surgir comentários relativizando as críticas anteriormente feitas e um deslocamento da questão polarizando a imprensa esportiva gaúcha com a do “centro do país”, como no seguinte trecho, em que o cronista comenta a falha do zagueiro Lúcio (ex-Inter/RS), que resultou no primeiro gol da Inglaterra:

Há sempre um primeiro pensamento, uma primeira palavra, e esta foi estigma. Quando Lúcio falhou, entregando o gol, rendendo o Brasil, pensei em Dunga e em manchetes como “fim da era Felipão”. (...) Lembrem de 1990? Tivemos ali o fim da era Dunga, transformada depois em recomeço. Foi quando o centro do país tentou sepultar o estilo gaúcho. Lúcio não é gaúcho, mas é tido como tal. Não se iludam: há muita gente aqui guardando os pregos para crucificar Felipão e com ele, um estilo, o nosso. Ciúme dói! (Hiltor Mombach, Correio do Povo, 22/6/02)

Com a conquista do título, a tensão até então discretamente manifesta entre jornalistas gaúchos e do “centro do país” pôde ser melhor evidenciada – no caso, pelos “vencedores”, como nos trechos abaixo:

Cinco razões para não esquecer a Copa de 2002: (...)

*- A revanche dos gaúchos contra a descrença paulista e carioca em Felipão.
(...) (Zero Hora, 1º/7/02)*

Onde há um gaúcho, há chimarrão. E se um gaúcho portando cuia é um gaúcho pilchado, bem, então eu vi o Rio Grande do Sul, na figura de Felipão, entrando feito César em triunfo em Brasília ontem. (...) Conto agora, passada a Copa do Mundo. Jogavam Brasil x Inglaterra e, na falha boba de Lúcio, um jornalista paulista faz a seguinte observação: “Viu! É nisso que dá escalar esta gauchada”. Recalque. Escrevam isto: o centro do país está sendo obrigado a digerir Felipão. (Hiltor Mombach, Correio do Povo, 3/7/02).

Fica evidente aqui a atualização de uma tensão centro x periferia de origens arcaicas, que coloca em confronto “gaúchos” x “brasileiros”, como se a primeira categoria não fosse subordinada à segunda, mas hierarquicamente equivalente. Os atributos que distinguiriam uma categoria da outra, aplicados ao campo de futebol, são traduzidos em termos de “estilos” de jogar, que refletiriam o *ethos* de cada uma das categorias.

A edição de 16/06/2002 do jornal Zero Hora apresenta na capa de seu caderno esportivo uma foto do jogador Ronaldinho Gaúcho sorrindo, sob o título: “O sorriso do Brasil”. Esta apresentação de Ronaldinho Gaúcho como “O Brasil”, mediado pelo “sorriso”, reafirma um sentido de incorporação do ‘brasileiro’ pelo ‘gaúcho’ na imprensa gaúcha, inicialmente a partir da figura de Felipão e, depois do gol da vitória contra a Inglaterra, também por Ronaldinho Gaúcho, que além do pertencimento regional expresso no nome foi reconhecido por cronistas do “centro do país” (como Armando Nogueira e Galvão Bueno, por exemplo) como emblema-vivo do “futebol-arte”, manifestação mitificada do “ser brasileiro” no campo de futebol. Esta aparente inversão da ordem de subordinação do regional frente ao nacional – como se, parafraseando Caetano Veloso, “o verdadeiro Brasil fosse o Rio Grande do Sul” – evidencia a tensão de um processo histórico ancestral que parece longe de um fim. A julgar pelo texto de Helal e Soares (2003), que analisaram os relatos da imprensa esportiva carioca acerca da

seleção, não só não teria havido esta tensão nos dados que analisaram, como nos jogos finais da Copa o time brasileiro seria mesmo um exemplo do resgate do “futebol-arte”, como no trecho abaixo, em que o cronista Armando Nogueira louva as virtudes “nacionais” dos dribles de Ronaldinho Gaúcho:

Um drible de Ronaldinho Gaúcho é o retrato perfeito do proverbial jeitinho brasileiro, que hoje, mais do que nunca, há de fazer a diferença. (Jornal do Brasil, 30/6/02, citado por Helal e Soares (2003))

Entretanto, a aparente unilateralidade desta tensão torna este fenômeno ainda mais intrigante. A demanda dos gaúchos pelo “respeito” dos “brasileiros” do “centro do país” torna os relatos jornalísticos acerca desta Copa particularmente emblemáticos do emprego do futebol como mecanismo de legitimação ideológica. Este ponto fica bastante claro com a lógica da apropriação das figuras dos jogadores da seleção como emblemas da “identidade gaúcha”, (ou brasileira, tanto faz), como no trecho abaixo:

Este é um título gaúcho, o mais marcadamente gaúcho dos cinco títulos. É um título gaúcho porque foi conquistado pelo grande Lúcio do jogo final, pelo Ronaldinho Gaúcho, que decidiu quase sozinho contra a Inglaterra, pelo Polga, pelo preparador físico Paixão. Mas principalmente é um título gaúcho porque foi comandado pelo Luiz Felipe, um predestinado para ser campeão. (Paulo Sant’Anna, Zero Hora, 1º/7/02)

É curioso notar que Lúcio, zagueiro da seleção citado no trecho acima, tem de “gaúcho” somente o fato de ter sido jogador do Internacional de Porto Alegre, tendo nascido em Brasília e estar, na época da Copa, jogando em um time alemão. Neste sentido, ele tanto poderia ser chamado de “brasiliense” como de “alemão”, o que evidencia o acionamento cotidiano de lógicas identitárias basicamente como recurso retórico, muito mais do que qualquer questão de “essência” do que quer que seja – lógica discursiva que o debochado texto de Kledir Ramil satiriza.

Se Helal e Soares consideram estar em curso o declínio da ideologia da “Pátria de Chuteiras” – fenômeno que parece procedente, em termos nacionais –, a ideologia da “Província de Chuteiras”, constituída na e pela oposição a um Estado nacional centralizador – cuja denominação “centro do país” é significativa – parece estar

extremamente ativa. Nos termos destas narrativas, a própria ausência de alusões à “gauchidade” da seleção brasileira é considerada significativa, como quando Hiltor Mombach – um dos mais exaltados defensores deste ponto – declara: “Calaram-se os que ficaram na espreita, contra a turma do chimarrão” (CP, 3/7/02).

Assim, o caso da Copa de 2002, tendo em vista suas especificidades identitárias, constitui-se em uma rica fonte de dados para problematizar a estreita relação entre futebol e identidade no Brasil, um ponto de tensionamento entre lógicas identitárias diversas, e não poucas vezes contraditórias a ponto de derivarem em conflitos armados.

Para concluir

Com este trabalho buscamos levantar algumas questões sobre a construção social das “identidades brasileiras” mediadas pelo futebol no Brasil, a partir da apropriação discursiva da “seleção brasileira” na Copa do Mundo de 2002 pela imprensa esportiva. É importante destacar o papel da mídia neste processo de constituição de identidade articulado ao futebol: embora no contexto jornalístico a editoria de esportes seja considerada uma editoria “menor”, vale lembrar que, no Brasil, a Copa do Mundo não existe a não ser como apreensão de um fato midiático, e que a audiência dos jogos do Brasil na Copa soma a quase totalidade dos aparelhos ligados – fato cada vez mais raro em tempos de segmentação de públicos.

As matrizes históricas das identidades regionais e nacional no Brasil sustentam valores e lógicas muitas vezes contraditórias, que encontram expressão no campo de futebol. A Copa de 2002, nesse sentido, foi notável por ter colocado no campo midiático uma composição tensa de “identidade brasileira” e “identidade gaúcha” personificada na figura do técnico Luiz Felipe. Tal composição atualizou um antigo conflito entre “lógicas identitárias” distintas manifestas no futebol, como entre os chamados “futebol-arte” e “futebol-força”, entre criatividade e disciplina, de que o embate jornalístico pré-Copa entre Romário x Felipão é uma boa ilustração. As páginas esportivas dos jornais oferecem bem mais do que relatos de jogos: oferecem também um

ponto de vista privilegiado para pensar as lógicas identitárias em jogo no Brasil contemporâneo.

Referências Bibliográficas

- DAMO, A. S. *Futebol e Identidade Social – uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- GASTALDO, E. “Os Campeões do Século: notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo” in: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* (22/1). Campinas: CBCE/Autores Associados, setembro de 2000.
- GUAZZELLI, C. A. “500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da ‘província de chuteiras’”. In: *Verso e Reverso* (XVI/34). São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- GUEDES, S. L. “O Povo Brasileiro no Campo de Futebol” in: *O Brasil no Campo de Futebol*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.
- HELAL, R. e SOARES, A. J. “O Declínio da Pátria de Chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002”. Comunicação apresentada na XII Reunião da Compós. Recife: 3 a 6 de junho de 2003.
- HUIZINGA, J. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- MARQUES, J. C. *O Futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: EDUC, 2000.
- MOTTA, L. G. “Teoria da Notícia: as relações entre o real e o simbólico” in: MOUILLAUD, M. e PORTO, S. (org.) *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- OLIVEN, R. G. “O Rio Grande do Sul e o Brasil: uma relação contraditória” in: *A Parte e o Todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- RIAL, C. S. “Futebol e Mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa” in: *Antropolítica: revista contemporânea de Antropologia e Ciência Política* (14/1) Niterói: UFF, 2003.

TRAQUINA, N. *O Estudo do Jornalismo no Século XX*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2001.

VERISSIMO, E. “Um romancista apresenta sua terra” in: *Rio Grande do Sul – terra e povo*. Porto Alegre: Globo, 1969.